

Auto da Feira.

## FIGURAS.

---

MERCURIO.	DOROTHEA.
TEMPO.	MONECA.
SERAPHIM.	GILBERTO.
DIABO.	NABOR.
ROMA.	MATHEUS.
AMANCIO VAZ.	JUSTINA.
DENIZ LOURENÇO.	VICENTE.
BRANCA ANNES.	LEONARDA.
MARTA DIAS.	MERENCIANA.
TESAURA.	THEODORA.
JULIANA.	GIRALDA.

---

*A obra seguinte he chamada Auto da Feira. Foi representada ao mui excellente Principe ElRei D. João, o terceiro em Portugal deste nome, na sua nobre e sempre leal cidade de Lisboa, ás matinas do Natal, na era do Senhor de 1527.*

## AUTO DA FEIRA

---

*Entra primeiramente Mercurio, e posto em seu assento, diz :*

MERCURIO.

Pera que me conheçais,  
E entendaís meus partidos,  
Todos quantos aqui estais  
Affinae bem os sentidos,  
Mais que nunca, muito mais.  
Eu sou estrella do ceo,  
E despois vos direi qual,  
E quem me ca descendeo,  
E a que, e todo o al  
Que me a mi aconteeo.

E porque a estronomia  
Anda agora mui maneira,  
Mal sabida e lisongeira,  
Eu á honra deste dia  
Vos direi a verdadeira.  
Muitos presumem saber  
As operações dos ceos,  
E que morte hão de morrer,  
E o que ha de acontecer  
Aos anjos e a Deos,  
E ao mundo e ao diabo.  
E o que sabem tem por fé;  
E elles todos em cabo  
Terão um cão polo rabo,  
E não sabem cujo he.  
E cada hum sabe o que monta  
Nas estrellas que olhou;  
E ao moço que mandou,  
Não lhe sabe tomar conta  
D'hum vintem que lh'entregou.

Porém quero-vos prégar,  
Sem mentiras nem cautelas,  
O que per curso d'estrellas  
Se poderá adivinhar,  
Pois no ceu nasci com ellas.

E se Francisco de Mello,  
Que sabe sciencia avondo,  
Diz que o ceo he redondo,  
E o sol sôbre amarello ;  
Diz verdade, não lh'o escondo.

Que se o ceo fôra quadrado,  
Não fôra redondo, senhor.  
E se o sol fôra azulado,  
D'azul fôra sua côr,  
E não fôra assi dourado.  
E porque está governado  
Por seus cursos naturaes,  
Neste mundo onde morais  
Nenhum homem aleijado,  
Se for manco e corcovado,  
Não corre por isso mais.

E assi os corpos celestes  
Vos trazem tão compassados,  
Que todos quantos nascestes,  
Se nascestes e crescestes,  
Primeiro fostes gerados.  
E que fazem os poderes  
Dos sinos resplandecentes ?  
Fazem que todalas gentes  
Ou são homens ou mulheres,  
Ou crianças innocentes.

E porque Saturno a nenhum  
Influe vida continua,  
A morte de cada hum  
He aquella de que se fina,  
E não de outro mal nenhum.  
Outrosi o terremoto,  
Que ás vezes causa perigo,  
Faz fazer ao morto voto  
De não bulir mais comsigo,  
Cantá de seu moto proprio.

E a claridade encendida  
Dos raios piramidaes  
Causa sempre nesta vida  
Que quando a vista he perdida,  
Os olhos são por demais.

E que mais quereis saber  
Desses temporaes e disso,  
Senão que, se quer chover,  
Está o ceo para isso,  
E a terra pera a receber ?  
A lua tem este geito :

Ve que clerigos e frades  
 Ja não tem ao Ceo respeito,  
 Mingúa-lhes as santidades,  
 E cresce-lhes o proveito.

*Et quantum ad stella Mars, speculum belli, et Venus,  
 Regina musicæ, secundum Joannes Monteregio :*

Mars, planeta dos soldados,  
 Faz nas guerras conteudas,  
 Em que os reis são occupados,  
 Que morrem de homens barbados  
 Mais que mulheres barbudas.  
 E quando Venus declina,  
 E retrográda em seu cargo,  
 Não se paga o desembargo  
 No dia que s'elle assina,  
 Mas antes por tempo largo.

*Et quantum ad Taurus et Aries, Cancer, Capricornius  
 positus in firmamento cæli :*

E quanto ao Touro e Carneiro,  
 São tão maos de haver agora,  
 Que quando os põe no madeiro,  
 Chama o povo ao carnicheiro  
 SENHOR, c'os barretes fóra.  
 Depois do povo agravado,  
 Que ja mais fazer não póde,  
 Invoca o sino do Bode,  
 Capricornio chamado,  
 Porque Libra não lhe acode.

E se este não has tomado,  
 Nem touro, carneiro assi,  
 Vae-te ao sino do pescado,  
 Chamado *Piscis* em latim,  
 E seras remediado :  
 E se piscis não tem ensejo,  
 Porque póde não no haver,  
 Vae-te ao sino do Cranguejo,  
*Signum Cancer*, Ribatejo,  
 Que está alli a quem no quer.

*Sequuntur mirabilia Jupiter, Rex regum, dominus dominantium.*

Jupiter, rei das estrellas,  
 Deos das pedras preciosas,  
 Mui mais precioso qu'ellas,  
 Pintor de todalas rosas,  
 Rosa mais fermosa dellas ;  
 He tão alto seu reinado,  
 Influencia e senhoria,

Que faz per curso ordenado  
Que tanto val hum cruzado  
De noite como de dia.

E faz que hũa nao veleira  
Mui forte, muito segura,  
Que inda que o mar não queira,  
E seja de cedro a madeira,  
Não preste sem pregadura.

*Et quantum ad duodecim domus Zodiacus, sequitur declaratio operationem suam.*

No zodiaco acharão  
Doze moradas palhaças,  
Onde os sinos estão  
No inverno e no verão,  
Dando a Deos infindas graças.  
Escutae bem, não durmais,  
Sabereis por congeituras  
Que os corpos celestiaes  
Não são menos nem são mais  
Que suas mesmas granduras.

E os que se desvelarão,  
Se das estrellas souberão,  
Foi que a estrella que olhárão,  
Está onde a puzerão,  
E faz o que lhe mandárão.  
E cuidão que Ursa maior,  
Ursa minor e o Dragão,  
E *Lepus*, que tem paixão,  
Porque hum corregedor  
Manda enforcar hum ladrão?

Não, porque as constelações  
Não alcanção mais poderes,  
Que fazer que os ladrões  
Sejão filhos de mulheres,  
E os mesmos paes varões.  
E aqui quero acabar.  
E pois vos disse atéqui  
O que se póde alcançar,  
Quero-vos dizer de mi,  
E o que venho buscar.

Eu sam Mercurio, senhor  
De muitas sabedorias,  
E das moedas reitor,  
E deos das mercadorias :  
Nestas tenho meu vigor.  
Todos tractos e contractos,  
Valias, preços, avenças,

Carestias e baratos,  
Ministro suas pretenças,  
Até as compras dos çapatos.

E porquanto nunca vi  
Na côrte de Portugal  
Feira em dia de Natal,  
Ordeno hũa feira aqui  
Pera todos em geral.  
Faço mercador-mor  
Ao Tempo, que aqui vem ;  
E assi o hei por bem.  
E não falte comprador.  
Porque o tempo tudo tem.

*Entra o Tempo, e arma hũa tenda com muitas cousas,  
diz :*

TEMPO.

Em nome daquelle que rege nas praças  
D'Anvers e Medina as feiras que tem,  
Começa-se a feira chamada das Graças,  
A' honra da Virgem parida em Belem.  
Quem quizer feirar,  
Venha trocar, qu'eu não hei de vender ;  
Todas virtudes qu'houverem mister,  
Nesta minha tenda as podem achar,  
A trôco de cousas que hão de trazer.

Todos remedios especialmente  
Contra fortunas ou adversidades  
Aqui se vendem na tenda presente,  
Conselhos maduros de sans calidades  
Aqui se acharão.  
As mercadorias damos e rezão,  
Justiça e verdade, a paz desejada,  
Porque a Christandade he toda gastada  
So em serviço da opinião.

Aqui achareis o temor de Deos,  
Que he ja perdido em todos Estados ;  
Aqui achareis as chaves dos Ceos,  
Muito bem guarnidas em cordões dourados ;  
E mais achareis

Somma de contas, todas de contar  
Quão poucos e poucas haveis de lograr  
As feiras mundanas ; e mais contareis  
As contas sem conto qu'estão per contar.

E porque as virtudes, Senhor Deos, que digo,  
Se forão perdendo de dias em dias,  
Com a vontade que déste ó Messias

Memória o teu anjo que ande comigo,  
Senhor, porque temo  
Ser esta feira de maos compradores,  
Porque agora os mais sabedores  
Fazem as compras na feira do Demo,  
E os mesmos diabos são seus corretores.

*Entra hum Seraphim enviado por Deos a petição  
do Tempo, e diz :*

SERAPHIM.

Á feira, á feira, igrejas, mosteiros,  
Pastores das almas, Papas adormidos ;  
Comprae aqui pannos, mudae os vestidos,  
Buscae as çamarras dos outros primeiros  
Os antecessores.  
Feirae o carão que trazeis dourado ;  
O' presidentes do crucificado,  
Lembrae-vos da vida dos sanctos pastores  
Do tempo passado.  
O' Principes altos, imperio facundo,  
Guardae-vos da ira do Senhor dós Ceos ;  
Comprae grande somma do temor de Deos  
Na feira da Virgem, Senhora de mundo,  
Exemplo de paz,  
Pastora dos anjos, luz das estrellas.  
Á feira da Virgem, donas e donzellas,  
Porque este mercador sabeí que aqui traz  
As cousas mais bellas.

*Entra hum Diabo com hũa tendinha diante de si,  
como bufarinheiro, e diz :*

DIABO.

Eu bem me posso gabar,  
E cada vez que quizer,  
Que na feira onde eu entrar  
Sempre tenho que vender,  
E acho quem me comprar.  
E mais vendo muito bem,  
Porque sei bem o que entendo ;  
E de tudo quanto vendo  
Não pago sisa a ninguem  
Por tracto que ande fazendo.  
Quero-me fazer á vela  
Nesta sancta feira nova.  
Verei os que vem a ella,  
E mais verei quem m'estrova  
De ser eu o maior della.



TEM. Es tu também mercador,  
Que a tal feira t'offereces ?

DIA. Eu não sei se me conheces.

TEM. Fallando com salvanor,  
Tu diabo me pareces.

DIABO.

Fallando com salvos rabos,  
Inda que me tens por vil,  
Acharás homens cem mil  
Honrados, que são diabos,  
Que eu não tenho nem ceitil.  
E bem honrados te digo,  
E homens de muita renda,  
Que tem divedo comigo.  
Pois não me tolhas a venda,  
Que não hei nada contigo.

TEMPO. (ao Seraphim.)

Senhor, em toda maneira  
Acudí a este ladrão,  
Que me ha de danar a feira.  
DIA. Ladrão ? Pois haj'eu perdão,  
Se vos metter em canceira.  
Olhae ca, anjo de bem,  
Eu, como cousa perdida,  
Nunca me tolhe ninguém  
Que não ganhe minha vida,  
Como quem vida não tem.

Vendo dessa marmelada,  
E ás vezes grãos torrados,  
Isto não releva nada ;  
E em todos os mercados  
Entra a minha quintalada.  
SER. Muito bem sabemos nós  
Que vendes tu cousas vis.  
DIA. Hi ha de homens rúis  
Mais mil vezes que não bôs,  
Como vós mui bem sentis.

E estes hão de comprar  
Disto que trago a vender,  
Que são artes de enganar,  
E cousas para esquecer  
O que devião lembrar.  
Que o sages mercador  
Ha de levar ao mercado  
O que lhe comprão melhor ;

Porque a ruim comprador  
Levar-lhe ruim bocado.

E mais as boas pessoas  
São todas pobres a oito ;  
E eu por este respeito  
Nunca tracto em cousas boas,  
Porque não trazem proveito.  
Toda a glória de viver  
Das gentes he ter dinheiro,  
E quem muito quizer ter  
Cumpre-lhe de ser primeiro  
O mais ruim que puder.

E pois são desta maneira  
Os contractos dos mortaes,  
Não me lanceis vós da feira  
Onde eu hei de vender mais  
Que todos á derradeira.

SER. Venderás muito perigo,  
Que tens nas trevas escuras.

DIA. Eu vendo perfumaduras,  
Que, pondo-as no embigo,  
Se salvão as criaturas.

As vezes vendo viroles,  
E trago d'Andaluzia  
Naipes com que os sacerdotes  
Arrenquem cada dia,  
E joguem té os pellotes.

SER. Não venderás tu aqui isso,  
Que esta feira he dos ceos :  
Vae lá vender ao abisso  
Logo, da parte de Deos.

DIA. Senhor, apello eu disse.

S'eu fosse tão mao rapaz,  
Que fizesse fôrça a alguém,  
Era isso muito bem ;  
Mas cada hum veja o que faz,  
Porque eu não forço ninguem.  
Se me vem comprar qualquer  
Clerigo, leigo ou frade  
Falsas manhas de viver,  
Muito por sua vontade ;  
Senhor, que lh'hei de fazer ?

E se o que quer bispar  
Ha mister hypocrisia,  
E com ella quer caçar ;  
Tendo eu tanta em porfia,  
Porque lh'a hei de negar ?

E se hũa doce freira  
Vem á feira  
Por comprar hum inguento,  
Com que voe do convento ;  
Senhor, inda que eu não queira,  
L'hei de dar aviamento.

MERCURIO.

Alto, Tempo, apparelhar,  
Porque Roma vem á feira.  
DIA. Quero-me eu concertar,  
Porque lhe sei a maneira  
De seu vender e comprar.

*Entra Roma, cantando.*

ROMA.

« Sôbre mi armavão guerra ;  
« Ver quero eu quem a mi leva.  
« Tres amigos que eu havia,  
« Sôbre mi armão porfia ;  
« Ver quero eu quem a mi leva. »  
Vejamos se nesta feira,  
Que Mercurio aqui faz,  
Acharei a vender paz,  
Que me livre da canceira  
Em que a fortuna me traz.  
Se os meus me desbaratão,  
O meu soccorro onde está ?  
Se os Christãos mesmo me matão,  
A vida quem m'a dara,  
Que todos me desacatão ?

Pois s'eu aqui não achar  
A paz firme e de verdade  
Na sancta feira a comprar,  
Cant'a mi dá-me a vontade  
Que mourisco hei de fallar.

DIA. Senhora, se vos prouver,  
Eu vos darei bom recado.

ROM. Não pareces tu azado  
Pera trazer a vender  
O que eu trago no cuidado.

DIABO.

Não julgueis vós pola côr,  
Porque em al vai o engano ;  
Ca dizem que sob mao panno  
Está o bom bebedor :  
Nem vós digais mal do anno.

ROMA.

Eu venho á feira direita  
Comprar paz, verdade e fé.  
A verdade pera que ?  
Cousa que não aproveita,  
E aborrece, pera que he ?  
Não trazeis bôs fundamentos  
Pera o que haveis mister ;  
E a segundo são os tempos,  
Assi hão de ser os tentos,  
Pera saberdes viver.

DIA.

E pois agora á verdade  
Chamão Maria peçonha,  
E parvoice á vergonha,  
E aviso á ruindade ;  
Peitae a quem vo-la ponha,  
A ruindade digo eu :  
E aconselho-vos mui bem,  
Porque quem bondade tem  
Nunca o mundo sera seu,  
E mil canceiras lhe vem.

Vender-vos-hei nesta feira  
Mentiras vinta tres mil,  
Todas de nova maneira,  
Cada hũa tão subtil,  
Que não vivais em canceira ;  
Mentiras pera senhores,  
Mentiras pera senhoras,  
Mentiras pera os amores,  
Mentiras, que a todas horas  
Vos nascão dellas favores.

E como formos avindos  
Nos preços disto que digo,  
Vender-vos-hei como amigo  
Muitos enganos infindos,  
Que aqui trago comigo.

ROM.

Tudo isso tu vendias,  
E tudo isso feirei  
Tanto, que inda venderei,  
E outras sujas mercancias,  
Que por meu mal te comprei.

Porque a trôco do amor  
De Deos, te comprei mentira,  
E a trôco do temor  
Que tinha da sua ira,  
Me déste o seu desamor :  
E a trôco da fama minha

E sanctas prosperidades,  
Me déste mil torpidades ;  
E quantas virtudes tinha  
Te troquei polas maldades.

E pois ja sei o teu geito,  
Quero ir ver que vai ca.

DIA. As cousas que vendem lá  
São de bem pouco proveito  
A quemquer que as comprará.

*Vai-se Roma ao Tempo e Mercurio, e diz :*

ROMA.

Tão honrados mercadores  
Não podem leixar de ter  
Cousas de grandes primores ;  
E quant'eu houver mister  
Deveis vós de ter, senhores.

SER. Sinal he de boa feira  
Virem a ella donas taes ;  
E pois vós sois a primeira,  
Queremos ver que feirais  
Segundo vossa maneira.  
Ca, se vós a paz quereis,  
Senhora, sereis servida,  
E logo a levareis  
A trôco de sancta vida ;  
Mas não sei se a trazeis.  
Porque, Senhora, eu me fundo  
Que quem tem guerra com Deos,  
Não póde ter paz c'o mundo ;  
Porque tudo vem dos ceos,  
Daquelle poder profundo.

ROMA.

A trôco das estações  
Não fareis algum partido,  
E a trôco de perdões,  
Que he thesouso concedido  
Para quaesquer remissões ?  
Oh ! vendei-me a paz dos ceos,  
Pois tenho o poder na terra.

SER. Senhora, a quem Deos dá guerra,  
Grande guerra faz a Deos,  
Que he certo que Deos não erra.  
Vêde vós que lhe fazeis,  
Vêde como o estimais,  
Vêde bem se o temeis ;  
Attentae com quem lutais,

Que temo que cahireis.

ROM. Assi que a paz não se dá  
A trôco de jubileus?

MER. O' Roma, sempre vi lá  
Que matas peccados ca,  
E leixas viver os teus.

E não te corras de mi :  
Mas com teu poder facundo  
Assolves a todo o mundo,  
E não te lembras de ti,  
Nem ves que te vas ao fundo.

ROM. O' Mercurio, valei-me ora,  
Que vejo maos aparelhos.

MER. Dá-lhe, Tempo, a essa Senhora  
O cofre dos meos conselhos :  
E podes-te ir muito embora.

Hum espelho hi acharás,  
Que foi da Virgem sagrada.  
Co'elle te toucarás,  
Porque vives mal toucada,  
E não sintes como estás :  
E acharás a maneira  
Como emendes a vida :  
E não digas mal da feira ;  
Porque tu seras perdida,  
Se não mudas a carreira.

Não culpes aos reis do mundo,  
Que tudo te vem de cima,  
Polo que fazes ca em fundo :  
Que, offendendo a causa prima,  
Se resulta o mal segundo.  
E tambem o digo a vós,  
E a qualquer meu amigo,  
Que não quer guerra comsigo :  
Tenha sempre paz com Deos,  
E não temerá perigo.

DIABO.

Preposito Frei Sueiro,  
Diz lá o exemplo velho,  
Dá-me tu a mim dinheiro,  
E dá ao demo o conselho.

*Depois de ida Roma, entrão dous lavradores, hum per  
nome Amancio Vaz, e outro Deniz Lourenço, e diç:*

AMANCIO VAZ.

Compadre, vas tu á feira ?

DEN. A' feira, compadre.

- AMA. Assi ;  
Ora vamos eu e ti  
O' longo desta ribeira.  
DEN. Bofá, vamos.  
AMA. Folgo bem  
De te vir aqui achar.  
DEN. Vas tu lá buscar alguém,  
Ou esperas de comprar ?

AMANCIO VAZ.

Isso te quero contar,  
E iremos patorneando,  
E er tambem aguardando  
Polas moças do logar.  
Compadre, enha mulher  
He muito destemperada,  
E agora, se Deos quizer,  
Faço conta de a vender,  
E da-la-hei por quasi nada.  
Qu'eu quando casei com ella  
Dizião-me, — hétéga he ;  
E eu cuidei pola abofé  
Que mais cedo morresse ella,  
E ella anda inda em pé.  
E porque era hétéga assim  
Foi o que m'a mim danou :  
Avonda qu'ella engordou,  
E fez-me hétégo a mim.

DENIZ LOURENÇO.

- Tens boa mulher de teu :  
Não sei que tu has, amigo.  
AMA. S'ella casára contigo,  
Renegáras tu com'eu,  
E dixeras o que eu digo.  
DEN. Pois, compadre, cant'á minha,  
He tão molle e desatada,  
Que nunca dá peneirada,  
Que não derrame a farinha.  
E não põe cousa a guardar,  
Que a tope quando a cata ;  
E por mais que homem se mata,  
De birra não quer fallar.  
Tras d'hũa pulga andar á  
Tres dias, e oito, e dez,  
Sem lhe lembrar o que fez,  
Nem tampouco o que fara.

Pera que t'hei de fallar ?  
Quando hontem cheguei do mato  
Poz hũa enguia a assar,  
E crua a leixou levar,  
Por não dizer sape a hum gato.  
Cant'a mansa, mansa he ella ;  
Dá-me logo cant'á disso.

AMA. Juro-t'eu que mais val isso  
Cincoenta vezes qu'ella.

A minha te digo eu  
Que se a visses assanhada,  
Parece demoninhada,  
Ante San Bartholomeu.

DEN. Ja siquer tera esp'rito :  
Mas renega da mulher  
Que ó tempo do mister  
Não he cabra nem cabrito.

AMANCIO VAZ

A minha tinh'eu em guarda  
Para bem de minha prol,  
Cuidando que era ourinol,  
E tornou-se-me bombarda.  
Folga tu que ess'outra tenhas,  
Porque a minha he tal perigo,  
Que por nada que lhe digo  
Logo me salta nas grenhas.

Então tanto punho sêcco  
Me chimpa nestes focinhos ;  
Eu chamo pelos vezinhos,  
E'ella nego dar-me em xeco.

DEN. Isso he de coraçuda ;  
Não cures de a vender,  
Que s'alguem te mal fizer,  
Ja siquer tens quem te acuda.

Mas a minha he tão cortez,  
Que se viesse ora á mão  
Que m'espancasse hum rascão,  
Não diria, — mal fazês :  
Mas antes s'assentaria  
A olhar como eu bradava.  
Todavia a mulher brava  
He, compadre, a qu'eu queria.

AMANCIO VAZ.

Pardeos ! tanto me faras,  
Que feire a minha comtego.

DEN. Se queres feirar comego,



Vejamos que me daras.

AMA. Mas antes m'has de tornar,  
Pois te dou mulher tão forte,  
Que te castigue de sorte  
Que não ouses de fallar,  
Nem no mato nem na côrte.

Outro bem teras com ella :

Quando vieres da arada,  
Comerás sardinha assada,  
Porqu'ella jenta a panella.  
Então geme, pardeos, si,  
Diz que lhe doe a moleira.

DEN. Eu faria por maneira  
Que esperasse ella por mi.

AMANCIO VAZ.

Que lh'havias de fazer ?

DEN. Amancio Vaz, eu o sei bem.

AMA. Deniz Lourenço, ei-las ca vem  
Vamo-nos nós esconder,  
Vejamos que vem catar,  
Qu'ellas ambas vem a feira.  
Mette-te nessa silveira,  
Qu'eu daqui hei d'espreitar.

*Vem Branca Annes a brava, e Marta Dias a mansa, e vem dizendo a brava :*

BRANCA ANNES.

Pois casei má hora, e nella,  
E com tal marido, prima,  
Comprarei ca hũa gamella,  
Para o ter debaixo della,  
E hum gran penedo em cima.  
Porque vai-se-me ás figueiras,  
E come verde e maduro ;  
E quantas uvas penduro  
Jeita nas gorgomileiras :  
Parece negro monturo.

Vai-se-m'ás ameixieiras,  
Antes que sejam maduras ;  
Elle quebra as cereijeiras,  
Elle vendima as parreiras,  
E não sei que faz das uvas.  
Elle não vai á lavrada,  
Elle todo o dia come,  
Elle toda a noute dorme,  
Elle não faz nunca nada,  
E sempre me diz que ha fome.

Jesu ! posso-te dizer,  
E jurar e tresjurar,  
E provar e reprovar,  
E andar e revolver,  
Qu'he melhor pera beber,  
Que não pera maridar.  
O demo que o fez marido !  
Que assi sêcco como he  
Beberá a tôrre da Sé :  
Então arma hum arruido  
Assim debaixo do pé.

MARTA DIAS.

Pois bom homem parece elle.

DEN. Aquella he a minha froxa.

MAR. Deu-t'elle a fraldilha roxa ?

BRA. Melhor lh'esfole eu a pelle.

Que homem ha hi da puxa.

O diabo que o eu dou,

Que o leve em fatiota,

E o ladrão que m'o gabou ;

E o frade que me casou

Inda o veja na picota

E rógo á Virgem da Estrella,

E á sancta Gerjalem,

E ós choros da Madanella,

E á asninha de Belem,

Que o veja eu ir á vela

Para donde nunca vem.

DEN. Compadre, nó mais soffrer :

Sae de lá desse silvado.

AMA. Pera eu ser arrepelado.

Não havi'eu mais mester.

DENIZ LOURENÇO.

E não n'has tu de vender ?

AMA. Tu dizes que a qué's feirar.

DEN. Não qu'ella se me tomar,

Leixar-m'ha quando quizer.

Mas dêmo-las á ma estreia ;

E voto que nos tornemos,

E er depois tornaremos

Com as cachopas d'aldeia :

Entonces concertaremos.

AMANCIO VAZ.

Isso me parece a mi

Muito melhor que eu ir lá.

- Oh que couces que me dá,  
Quando me colhe sob si !  
DEN. Cant'áquella si dará.  
DIA. Mulheres, vós que me quereis ?  
Nesta feira que buscais ?  
MAR. Queremo-la ver, nó mais.  
Pera ver em que tractais,  
E as cousas que vendeis.  
Tendes vós aqui anneis ?  
DIA. Quejandos ? de que feição ?  
MAR. D'huns que fazem de latão.  
DIA. Pera as mãos, ou pera os pés ?  
MAR. Não — Jesu, nome de Jesu,  
Deos e homem verdadeiro !

*Foge o diabo, e Marta di:*

MARTA DIAS.

Nunca eu vi bufalinheiro  
Tão prestes tomar o mu.  
Branc'Annes mana, cre tu  
Que, como Jesu he Jesu,  
Era este o diabo inteiro.

BRANCA ANNES.

- Não he elle pao de boa lenha,  
Nem lenha de bo madeiro.  
MAR. Bofá, nunqu'elle ca venha.  
BRA. Viagem de Jão moleiro,  
Que foi pola cal d'azinha.  
MAR. Pasmada estou eu de Deos  
Fazer o demo marchante !  
Mana, daqui por diante  
Não caminhemos nós sos.

BRANCA ANNES.

S'eu soubera quem elle era,  
Fizera-lhe bom partido :  
Que me levára o marido,  
E quanto tenho lhe dera,  
E o toucado e o vestido.  
Inda que mais não levára  
Desta feira, em extremo  
Me alegrára e descançára,  
Se o vira levar o demo,  
E que nunca mais tornára.  
Porque, inda que era diabo,  
Fizera serviço a Deos,

E a mim merce em cabo ;  
E viera-me dos ceos,  
Como vem a frol ao nabo.

*Vão-se ao Tempo, e diz Marta :*

MAR. Dizei, Senhores de bem,  
Nesta tenda que vendeis ?

SER. Esta tenda tudo tem ;  
Vêde vós o que quereis,  
Que tudo se fara bem.  
Conciencia quereis comprar,  
De que vistais vossa alma ?

MAR. Tendes sombreiros de palma  
Muito bôs para segar,  
E tapados pera a calma ?

SER. Conciencia digo eu,  
Que vos leva ao paraíso.

BRA. Não sabemos nós qu'he isso :  
Dae-o ó decho por seu,  
Que ja não he tempo disso.

MARTA DIAS.

Tendes vós aqui borel,  
Do pardo de lan meirinha ?

BRA. Eu queria hũa pucarinha  
Pequenina para mel.

SER. Esta feira he chamada  
Das virtudes em seus tratos.

MAR. Das virtudes ! e ha aqui patos ?

BRA. Quereis feirar a cevada  
Quatro pares de sapatos ?

SER. Oh piedoso Deos eterno !  
Não comprareis para os ceos  
Hum pouco d'amor de Deos.  
Que vos livre do inferno ?

BRA. Isso he fallar per pinceos.

SERAPHIM.

Esta feira não se fez  
Pera as cousas que quereis.  
BRA. Pois cant'a essas que vendeis,  
Daqui affirmo outra vez  
Que nunca as vendereis.  
Porque neste sigro em fundo  
Todos somos negligentes :  
Foi ar que deu polas gentes,  
Foi ar que deu pelo mundo,  
De que as almas são doentes :

E se hão de correger  
 Quando for todo danado :  
 Muito cedo se ha de ver ;  
 Que ja elle não póde ser.  
 Mais torto nem aleijado.  
 Vamo-nos, Marta, á carreira,  
 Que as moças do logar  
 Virão cá fazer a feira,  
 Qu'estes não sabem ganhar,  
 Nem tem cousa qu'homem queira.

MARTA DIAS.

Eu não vejo aqui cantar,  
 Nem gaita, nem tamboril,  
 E outros folgaes mil,  
 Que nas feiras soem d'estar :  
 E mais feira de Natal,  
 E mais de Nossa Senhora,  
 E estar todo Portugal.

BRA. S'eu soubera qu'era tal,  
 Não estivera eu ca agora.

*Vem á feira nove moças dos montes, e tres man-  
 cebos, todas com cestos nas cabeças cobertos, can-  
 tando, e como chegão, se assentão por ordem a vender ;  
 e diz-lhe o*

SERARHIM.

Pois vindes vender á feira,  
 Sabei que he feira dos ceos ;  
 Por tal vendei de maneira  
 Que não offendais a Deos,  
 Roubando a gente estrangeira.

TES. Responde-lhe, Leonarda,  
 Tu Justina, ou Juliana.

JUL. Mas responda-lhe Girálida,  
 Tesaura, ou Merenciana.

MERENCIANA.

Responde-lhe, Theodora,  
 Porque creio que a ti creia.

TES. Responda-lhe Doroteia,  
 Pois que mora  
 Junto c'o Juiz d'aldeia.

DOR. Moneca responderá,  
 Que fallou ja c'o Senhor.

MON. Responde-lhe tu, Nabor,  
 Comtigo s'entenderá.

Ou Denisio, ou Gilberto,  
Qualquer de vós outros tres,  
E não vos embaraceis nem torvês,  
Porque he certo  
Que bem vos entenderês.

GIL. Estas cachopas não vem  
À feira nego a folgar,  
E trazem de merendar  
Nesses cestos que hi tem.

Mas pois quanto ao que entendo,  
Sois samica anjo de Deos ;  
Quando partistes dos ceos,  
Que ficava elle fazendo ?

SER. Ficava vendo o seu gado.

GIL. Sancta Maria ! gado ha lá ?  
Oh Jesu ! como o terá  
O Senhor gordo e guardado !  
E ha lá boas ladeiras,  
Como na serra d'Estrella ?

SER. Si.

GIL. E a Virgem que faz ella ?

SER. A Virgem olha as cordeiras,  
E as cordeiras a ella.

GIL. E os Sanctos de saude  
Todos, a Deos louvores ?

SER. Si.

GIL. E que legoas havera  
Daqui á porta do Paraizo,  
Onde San Pedro está ?

NABOR.

Lá vem ó redor das vinhas  
Compradores a comprar  
Samica ovos e gallinhas.

DOR. Não lhe hei de vender as minhas,  
Que as trago pera dar.

*Vem dous compradores, hum per nomie Vicente, e  
outro Matheus, e diz Matheus a Justina.*

MATHEUS.

Vós rosa do amarello,  
Mana, tendes hi queijadas ?

JUS. Tenho vosso avô marmelo ;  
Conhecei-lo ?

MAT. Aqui estão emborilhadas.

JUS. Estade ma ora quêdo.  
Pela vossa negra vida.

MAT. Menina, não hajais medo :

Vós sois mais engrandecida  
Que Branca de Figueiredo.

Se trazeis ovos, meus olhos,  
Não m'os vendais a ninguém.

JUS. Andar em burra e ter bem :  
Ouvide ora o rasca-piolhos  
( Azeite no micho ! ) em que vem !

VIC. Minha vida Leonarda  
Traz caça para vender ?

LEO. Vossa vida negra e parda  
Não lhe abastará comer  
Da vacca com da mostarda ?

VICENTE.

E a mesa de meu senhor  
Irá sem ave de penna ?

LEO. Quem ? e vós sois comprador ?  
Pois nem grande nem pequena  
Não matou o caçador.

VIC. Matais-me vós logo bem  
Com dous olhinhos qu'eu digo.

LEO. Mais vos mata a vós o trigo,  
Porque não vale a vintem,  
E traz mau micho consigo.

VICENTE.

Vós fazeis de mim rascão.

LEO. Páção vos fizestes vós ;  
Porém bem vos vimos nós  
Guardar bois no Alqueidão.

MAT. Que vindes vender á feira,  
Theodora, alma minha,  
Minha alma, minha canceira ?  
Trazeis algũa gallinha ?

THE. Som voss'alma gallinheira.

Que ma ora ca vieste

Pera quem vos poz no paço !

MAT. Senhora, eu que vos faço,  
Que vos agastais tão prestes ?  
Dizei-me vós, Theodora,  
Trazeis vós tal cousa tal  
Deste geito, muito embora ?  
Mas lá dess'outro metal  
Não fallão á lavradora.

VICENTE.

Senhora Moneca, trazeis  
Algum cabrito recente ?

- MON. Não bofé, Senhor Vicente :  
Quizera ora trazer tres,  
De que vós foreis contente.
- VIC. Juro á sancta cruz de palha  
Qu'hei de ver o que aqui'stá.
- MON. Não revolvais aramá,  
Que não trago nemigalha.

VICENTE.

- Não me façais descortez,  
Nem queirais ser tão garrida.
- MON. Pola vossa negra vida !  
Olhade como he cortez !  
Oh ! que lhe saia ma sahida.
- MAT. Giralda, eu achar-vos-hei  
Dous pares de passarinhos ?
- GIR. Irei por elles aos ninhos,  
Entonces os venderei :  
Comereis vós estorninhos ?

MATHEUS.

- Respondeis como mulher  
Muito de sua vontade.
- GIR. Pois digo-vo-la verdade :  
Passaros hei de vender ?  
Olhae aquella piedade !

VICENTE.

- Senhora minha Juliana,  
Peço-vos que me falleis  
Discreta palaciana,  
E dizei-me que vendeis.
- JUL. Vendo favas de Viana.
- VIC. Tendes alguns laparinhos ?
- JUL. Sim, de porca.
- VIC. Nem coelhos ?
- JUL. Quereis comprar dous francelhos,  
Para caçardes ratinhos ?
- VIC. Quero, polos evangelhos.

MATHEUS.

- Vós Tesaura, minha estrella,  
Não virieis ca em vão.
- TES. Pois si, vossa estrella vos er'ella :  
Como aquillo he de rascão !
- MAT. Mas como isso he de donzella !  
Porém vá ja como vai,  
E çasemo-nos, senhora.



TES. Pois casae co'elle, casae.  
Casar ma ora, meu pae,  
Casar ma ora.

MATHEUS.

Porém trazeis algum pato ?

TES. E quanto dareis por elle ?  
Hui ! e elle revolve o fato :  
Olho mau se metta nelle.

MAT. Não trazeis vós o qu'eu cato.

VIC. Merenciana deve ter  
Neste cesto algum cabrito.

MER. Não m'haveis de revolver,  
Senão pardeos que dê grito  
Tamanho, qu'haveis de ver.

VICENTE.

Eu hei de ver que trazeis.

MER. Se vós no cesto bolis...

VIC. Senhora, que me fareis ?

MER. Hum aqui-delrei, ouvis ?  
Não sejais vós descortez.

VIC. Não quero senão amores,  
Pois vosso, senhora, sô.

MER. Amores de vosso avô,  
O da ilha dos Açores.  
Andar aramá vós so.

MATHEUS.

Vamo-nos daqui, Vicente.

VIC. Bofá vamos.

MAT. Nunca vi tal feira.

VIC. Vamos comprar á ribeira,  
Qu'anda lá a cousa mais quente.

*Vão-se os compradores, e diz o Seraphim ás moças :*

SERAPHIM.

Vós outras quereis comprar  
Das virtudes ?

TODAS. Senhor, não.

SER. Saibamos porque razão.

DOR. Porque no nosso logar  
Não dão por virtudes pão ;  
Nem casar não vejo eu  
Por virtudes a ninguém.  
Quem tiver muito de seu,  
E tão bôz olhos como eu,  
Sem isso casará bem.

SERAPHIM.

Pois porque viestes ora  
Cansar á feira de pé ?

THE. Porque nos dizem que he  
Feira de Nossa Senhora :  
E vêdes aqui porque.  
E as graças que dizeis  
Que tendes aqui na praça,  
Se vós outros as vendeis,  
A Virgem as dá de graça  
Aos bôz, como sabeis.

E porque a graça e alegria  
A madre da consolação  
Deu ao mundo neste dia,  
Nós vimos com devação  
A cantar-lhe hũa folia.  
E pois que ja descansamos  
Assi em boa maneira,  
Moças, assi como estamos,  
Dêmos fim a esta feira,  
Primeiro que nos partamos

*Alevantão-se todas, e ordenadas em folia cantarão a  
cantiga seguinte, com que se despedirão.*

1.º CÔRO.

« Blanca estais colorada,  
« Virgem sagrada.  
« Em Belem villa do amor  
« Da rosa nasceo a flor :  
« Virgem sagrada ».

2.º CÔRO.

« Em Belem villa do amor  
« Nasceo a rosa do rosal :  
« Virgem sagrada ».

1.º CÔRO.

« Da rosa nasceo a flor,  
« Pera nosso Salvador :  
« Virgem sagrada ».

2.º CÔRO.

« Nasceo a rosa do rosal,  
« Deos e homem natural :  
« Virgem sagrada ».